

# ENTRE A DANÇA, A EDUCAÇÃO FÍSICA E A HOMOSSEXUALIDADE: RELAÇÕES FAMILIARES

Me. Diego Ebling do Nascimento  
UTFPR/Curitiba/PR/Brasil  
digue\_esef@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO/ METODOLOGIA

A dança, por ter como instrumento principal o corpo, está muito ligada às questões de gênero e sexualidade. Por esta razão, nos últimos anos, muitos trabalhos estão sendo desenvolvidos com esta temática. Esta pesquisa pretende descrever as relações familiares de quatro profissionais da educação física, assumidamente homossexuais e que trabalham com dança.

Primeiramente, optamos por relatar caso por caso, visando um melhor entendimento das relações entre os pais e os filhos homossexuais e a dança.

Após as descrições cruzamos os depoimentos com vista a obter semelhanças entre as respostas. Escolhemos realizar uma amostra intencional. Contamos, então, com os relatos de quatro bailarinos/professores que atualmente se reconhecem homossexuais, são formados em educação física e trabalham com a dança.

A referência metodológica foi pautada na abordagem qualitativa. Como a proposta não se limita a um único caso, mas a um conjunto de professores de dança/bailarinos pré-selecionados, o procedimento adotado para coleta de dados foi o estudo de casos múltiplos. A pesquisa foi realizada através de uma entrevista temática semiestruturada. Para tratar os dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2000) e a abordagem de replicação sugerida por Yin (2010).

Os quatro profissionais que fizeram parte deste estudo foram Carlos, Taylor, Ted e Jack<sup>1</sup>. Carlos iniciou os estudos em danças de salão no ano de 1999, em Porto Alegre. Atualmente é professor de dança nos estilos jazz e dança de salão. Está cursando educação física. Taylor é administrador, professor, coreógrafo, bailarino e diretor de um centro de arte na capital do Rio Grande do Sul. Ted tem experiência com dança em escolas, grupos e academias. Além disso, é coreógrafo e professor assistente do curso de dança do Centro de Arte da UFPel<sup>2</sup>. Jack é bailarino profissional e diretor do Centro de Arte de Porto Alegre.

### **CARLOS (Nascido em 1988)**

Carlos contou sobre sua orientação sexual para a família em 2003. O bailarino revelou que foi dizendo aos poucos para os pais sobre a homossexualidade. O principal motivo desta decisão foi para tentar amenizar o impacto da informação à sua família. Mesmo já se reconhecendo como homossexual, ele se intitulou bissexual. Só depois é que foi assumir-se *gay*. Porém, até hoje seu pai não gosta de comentar sobre o assunto. Além disso, ele, no início, preocupava-se com o futuro profissional de Carlos, pois acreditava que as questões financeiras relacionadas à profissão não eram favoráveis.

Para a mãe de Carlos foi mais fácil. Separada e em um novo relacionamento, pôde contar com a experiência de seu novo companheiro que também tem um filho homossexual. Carlos afirmou ter uma ótima relação com sua mãe e informou, ainda, que toda a família sabe da sua orientação sexual. No início, aliás, a família atribuiu à homossexualidade de Carlos ao fato dele querer dançar balé. Porém, ele conta que já se reconhecia *gay* antes mesmo de começar a dançar. Mas lembra que a dança foi uma facilitadora no processo de aceitação da sexualidade.

<sup>1</sup> Por motivos éticos optamos por usar codinomes.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas.

Ele recorda que quando fazia somente dança de salão tudo estava bem, mas quando resolveu participar das aulas de balé clássico não encontrou apoio dos pais. Apenas sua irmã o apoiou. Ele acredita que esta situação ocorreu por ela estar inserida na geração que, atualmente, aceita melhor temas que antes eram considerados tabus, com a homossexualidade. Por esta razão, para ela e seu namorado, cunhado de Carlos, nunca houve problema em relação à sexualidade.

### **TAYLOR (Nascido em 1965)**

Durante toda sua vida Taylor estudou em escola pública. Formou-se em educação física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em 1991. É especialista em treinamento desportivo. Além disso, também é administrador, professor, coreógrafo, bailarino e diretor de um centro de arte na capital.

A relação de Taylor com seu pai foi de pouca convivência, pois seus pais se separaram quando ele ainda era muito novo. A relação com a mãe sempre foi muito boa. Ela foi muito presente. Os familiares foram os primeiros a saberem da orientação sexual, assumida quando Taylor ingressou na universidade.

O processo de aceitação da família sobre a sexualidade de Taylor foi relativamente bem sucedido, mas com algumas preocupações provenientes da época, como a AIDS, que surgiu na década de 1980, e a questão da promiscuidade, que era, e ainda é, bastante relacionada às relações homossexuais.

Em determinado momento da entrevista Taylor fala da relação de intimidade com sua família. Essa relação foi essencial para que ele falasse sobre sua orientação sexual. Conta que sofreu preconceitos, mas acreditava que estas situações eram aceitáveis para o contexto da época.

Taylor relata que, inicialmente, não tinha apoio para dançar, pois vinha de uma família de costumes tradicionais, que gostaria que ele seguisse a carreira do direito. Em relação à dança, relata que a família manifestava preocupação com a questão financeira.

### **TED (Nascido em 1975)**

A relação de Ted com o pai, no que diz respeito à orientação sexual, é conturbada. Segundo ele, o pai sabe, mas “faz de conta que não sabe”. E Ted lembra que em alguns momentos o pai faz piadas desagradáveis em relação a sua sexualidade. A questão da escolha da docência como profissão, inicialmente, foi uma preocupação da família de Ted. Porém, hoje ele é professor universitário e se considera bem remunerado.

Ted só assumiu sua sexualidade quando ingressou no mestrado e relata que não foi fácil contar para a família, pois teve muita resistência, principalmente por parte do pai. Ele conta que tinha uma “vida dupla”, entre a dança (onde já era assumido) e a família (para quem ainda não havia contado sobre sua orientação sexual). No contexto familiar chegou a apresentar algumas namoradas à família. Mas confessa que não foi “nada sério”, que fez isso apenas para “experimentar”. Além disso, conta que foi difícil dizer para sua família que, na época, frequentava a igreja católica. *“Eu senti vergonha na época, me escondia. Sentia-me sujo, envergonhado, aquela coisa do pecado”* (Ted).

A aceitação por parte da irmã, no início, também foi bastante difícil. Porém, hoje sua relação com ela é boa. Mas Ted aponta que o melhor relacionamento sempre foi com a mãe. E lembra, ainda, que viu em seus amigos um meio de afirmar sua identidade sexual. Foi através deles que descobriu o “mundo gay”, foi para a primeira festa, viu que existiam relações afetivas e não somente promíscuas.

Atualmente, a família de Ted frequenta o espiritismo e ele declarou que este fato contribuiu para a compreensão de todos sobre a homossexualidade. A família encontrou na doutrina explicação para a orientação sexual.

### **JACK (Nascido em 1971)**

A relação do pai de Jack com a dança nunca foi muito próxima. Ele aproveitou por pouco tempo a carreira de seu filho, pois quando começou a aceitar de fato a dança na vida de Jack, no ano de 2004, morreu em decorrência de problemas cardíacos.

O bailarino não chegou a falar sobre a sua orientação sexual com o pai, e relatou:

*“Ele me viu quando comecei [a dançar] e nunca mais. Depois de todo esse tempo ele chorou, até porque eu já estava dançando muito diferente. Eu entendo o lado dele, pois não era isso que ele queria. De repente, ali, ele estava se dando conta das coisas [da orientação sexual de Jack] oficialmente. Eu não lembro se quando eu era pequeno, guri, fazia alguma coisa ‘fora dos padrões’. E eu estava sempre na volta. As festinhas eram sempre na minha casa, na rua onde a gente morava, então, todo mundo se conhecia. Sempre fui muito próximo do meu pai (Jack)”.*

Compreendemos, com a fala de Jack, que seu pai não aceitava que ele dançasse. Ele fez questão de deixar seus familiares perceberem sua orientação sexual por conta própria. Ressaltou que não sofreu preconceito por parte da família, mas, sim, uma preocupação muito forte quando seus pais descobriram sua orientação sexual.

### **Entrelaçando as trajetórias: tabus e descobertas**

Partindo do relato dos entrevistados, percebemos que suas mães apareceram como maior referência familiar. Era com elas que eles se sentiam à vontade para conversar. Mais do que isso, sentiam necessidade de compartilhar sentimentos e emoções. É o caso de Ted e Taylor, por exemplo.

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Nascimento e Afonso (2011). Os pesquisadores perceberam que as mães dos bailarinos tinham pleno conhecimento sobre a vida de seus filhos. Eram elas que acompanhavam as atividades que aconteciam no balé e na vida escolar, já que os pais, na maioria das vezes, estavam envolvidos com o trabalho. Outro fator importante de ressaltar é que nenhuma das famílias, exceto a de Carlos, relacionou a homossexualidade com a dança. Esta associação aconteceu quando ele começou a fazer aulas de dança clássica, especificamente.

Esta proximidade com as mães talvez tenha sido um facilitador para que os participantes conseguissem verbalizar à família sobre a homossexualidade. Fato que vai ao encontro do que aponta Ribeiro (2008). De acordo com a autora está ocorrendo um aumento na verbalização homossexual, porque a sociedade tem aprendido a respeitar essas relações. A sexóloga diz que a manifestação de relacionamentos homossexuais na mídia pode servir para educar a sociedade. Mas isso vai depender da forma com que a temática será abordada.

Os entrevistados Taylor e Jack relataram que o processo de aceitação de suas famílias sobre a homossexualidade foi bem sucedido, mas ambos falaram que os pais demonstraram-se muito preocupados quando seus filhos revelaram sobre sua orientação sexual. Os dois comentaram frases parecidas, como: “não houve preconceito por parte da família, e sim preocupação”.

Ted, assim como seus pais, também se preocupava muito. Ele acreditava que o “mundo gay” era um espaço só de promiscuidade. Como vimos, a família de Taylor também tinha esta preocupação, e a AIDS era o principal temor, pois estava relacionada às relações homossexuais. De acordo com Weeks (1999, p 37) “muitas pessoas apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da ‘perversidade sexual’” e este fato era diretamente ligado à homossexualidade. Sell (2006) lembra que mesmo após quatro décadas do descobrimento científico do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV/AIDS), o estigma da relação entre a AIDS e a homossexualidade permanece.

Outra preocupação evidenciada pelas famílias de Ted, Taylor e Carlos referia-se a questão financeira relacionada à profissão – professor de educação física e/ou dança. Segundo Pinto (2009) a falta de remuneração adequada aos professores é um dos principais desafios da educação brasileira ao longo de sua história. O autor coloca que, exceto em alguns casos

isolados, como a rede federal de ensino e as escolas privadas de elite, é preciso dar à profissão de professor o prestígio que ela nunca teve no Brasil. E o melhor indicador de prestígio de uma profissão é a valorização do salário pago a eles. De acordo com o autor:

Dar o salto de qualidade no padrão de remuneração de nossos professores é plenamente factível na realidade tributária brasileira atual. Conseguir realizá-lo, contudo, depende essencialmente de mudança política e no campo dos valores, nas relações que se estabelecem no dia a dia da escola entre os professores, seus alunos e pais. Enquanto estes últimos forem vistos pelos profissionais da educação como adversários e como os principais responsáveis pelo fracasso escolar, como ocorre hoje, nada mudará; pelo contrário, em tempos de crise econômica, o risco é de ocorrer a desvalorização salarial dos professores, ainda mais com o incremento explosivo da municipalização do ensino nos últimos anos, lembrando que os municípios são os mais pobres dos três entes federativos que compõem a república brasileira. Estabelecer uma aliança estratégica entre profissionais da educação, pais e alunos da rede pública de ensino talvez seja a tarefa mais premente e, também, a mais difícil, para todos os segmentos, organizados ou não, que lutam por uma escola pública de qualidade (PINTO, 2009, p. 62).

Para complementar esta ideia, Pontili e Kassouf (2007) mostraram que melhorias no salário do professor afetam positivamente a frequência escolar de crianças da área urbana. Por outro lado, Evangelista e Shiroma (2007) garantem que o salário do professor é apontado como não tendo repercussão significativa na melhora da aprendizagem, portanto, não precisaria ser priorizado nas reformas. As autoras afirmam, ainda, que vários documentos insistem na redução do custo-professor.

Vale ressaltar que os diferentes resultados obtidos pelos autores pode ser um caminho para indicar por que ainda há tamanha desvalorização docente. Ou seja, não havendo uma unidade de pensamento na literatura sobre a importância do professorado enquanto classe torna-se mais difícil perceber a importância de valorizar a categoria.

Outra possível explicação sobre os baixos salários dos professores, mas que de maneira alguma justifica a atual conjuntura das remunerações, é trazida por diversas autoras (LEWIN, 1980; LOURO, 2001; FERREIRA, 2006). As autoras discutem a questão da feminização<sup>3</sup> da docência e esta poderia esclarecer a desvalorização da profissão. Ou seja, sendo um ofício predominantemente feminino a docência estaria disposta a receber salários mais baixos por todo contexto histórico cultural construído em relação à desvalorização social do sexo feminino.

Diante destas questões fica evidente que os quatro entrevistados estão satisfeitos em terem compartilhado com a família sobre a sexualidade. Além disso, a maioria esperou estar em situações de segurança financeira e/ou profissional para contarem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora o processo de aceitação familiar dos profissionais que fizeram parte deste estudo tenha sido positivo, houve preocupações de um preconceito histórico, como relacionar a homossexualidade à AIDS e à promiscuidade. Outro fato fortemente relacionado ao preconceito foi o sentimento de inferioridade causado pela religião católica na vida de dois entrevistados, Ted e Taylor.

Outra preocupação evidenciada pelas famílias dos entrevistados surgiu quando eles decidiram cursar educação física. A família demonstrou inquietações motivadas pela baixa remuneração dos professores.

---

<sup>3</sup> Por feminização compreende-se o resultado de um processo de ampliação massiva da força de trabalho feminina na docência (feminilização), que paulatinamente operou sobre as representações quanto ao caráter desse trabalho, incluindo seu valor social (YANNOULAS, 1996 citado por FERREIRA, 2006).

Embasado nas falas dos entrevistados, percebemos que as mães apareceram como maior referência familiar. Eram elas que estavam presentes para compartilhar sentimentos e emoções. Pensamos que esta proximidade tenha facilitado a verbalização dos entrevistados à homossexualidade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2000.

EVANGELISTA, Olinda; SHIROMA, Eneida Oto. Professor: protagonista e obstáculo da reforma. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.3, p. 531-541, set/dez, 2007.

FERREIRA, Márcia Ondina Viera. Direito social à educação: discutindo preconceitos e sexualidades na escola. **Conferência LGBT da Zona Sul** – Preparatória à 2ª Conferência Estadual de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – Câmara Municipal de Pelotas, novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Somos todos trabalhadores em Educação? Reflexões sobre identidades docentes desde a perspectiva de sindicalistas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 225-240, maio/ago, 2006.

LEWIN, Helena. Educação e força de trabalho feminina no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, (32): 45-59, fev, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: UNESP/Contexto, 2001. p. 443-481.

NASCIMENTO, Diego Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. Corpos masculinos no ballet clássico: configuração das estratégias familiares. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 101-112, 2011.

PINTO, José Marcelino Rezende. Remuneração adequada do professor: desafio à educação brasileira. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 3, n. 4, p. 51-67, jan./jun. 2009. Disponível em: <[www.esforce.org.br](http://www.esforce.org.br)>.

PONTILI, Rosangela Maria; KASSOUF, Ana Lúcia. Fatores que afetam a frequência e o atraso escolar, nos meios urbano e rural, de São Paulo e Pernambuco. **RER**, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 01, p. 027-047, jan/mar, 2007.

RIBEIRO, Vera. Identidade Sexual & Preferência Sexual. In: **O Estado do Rio de Janeiro** (Jornal) – Comportamento – 13 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://sexologia.clix.pt/?p=1260>> Acessado em: 26 de novembro de 2012.

SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. 2 ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**Endereço para Correspondência**: Av. Sete de Setembro, 3165 – Rebouças Curitiba - PR – Brasil - CEP 80230-901